

**A oralidade como lugar de narrativização do vaqueiro – revivescências****Orality as a place of cowboy narratization - revivescences**

DOI:10.34117/bjdv5n10-236

Recebimento dos originais: 10/09/2019

Aceitação para publicação: 18/10/2019

**Mônica Andrade Souza**

Coordenadora Pedagógica – Secretaria de Educação do Estado da Bahia – SEC/BA.  
Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos –  
PPGESA – UNEB – DCH III.  
E-mail: monicaandrade\_23@hotmail.com

**RESUMO**

No atual contexto representado pelo que denominamos de pós-modernidade, as questões identitárias que envolvem os grupos sociais considerados minoritários tornam-se de extrema importância, principalmente quando as situamos dentro dos conflitos que tem se manifestado no interior desses grupos que se constituíram em torno de uma identidade profissional que se apresenta em crise nesse cenário, a identidade do vaqueiro. Sendo essa uma identidade profissional que se funde indissociavelmente à identidade pessoal desse sujeito, cabe-nos interrogarmos como tais tem sido marcadas, atravessadas por todas essas questões que tem colocado o vaqueiro como uma figura mítica, folclorizada, estereotipada e ao mesmo tempo silenciada; um silenciamento imposto há quase 500 anos e que necessita ser rompido a partir da escuta sensível e ao mesmo tempo problematizadora de suas vozes.

**Palavras-chave:** Vaqueiro. Narrativa. Identidade.

**ABSTRACT**

Involving minority social groups become extremely important, especially when we situate them within the conflicts that have manifested themselves within those groups that have been constituted around a professional identity that presents itself in crisis in this scenario, the identity of the cowboy. This being a professional identity that fuses inextricably with the personal identity of this subject, it is up to us to question how such has been marked, crossed by all those questions that have put the cowboy as a mythical figure, folklorized, stereotyped and at the same time silenced; a silencing imposed almost 500 years ago and that needs to be broken from the sensitive and at the same time problematizing of their voices.

**Key-words:** Cowboy. Narrative. Identity

**1 INTRODUÇÃO**

Haverá na voragem de informações que preenche todos os segundos do nosso tempo, que afoga nossos dias em pressa, nos bombardeia com estímulos sonoros e visuais, nos

impondo a escrita como forma privilegiada de expressão do saber, lugar para a "prosa", para as lendas e mitos, para o contar histórias, como o faziam nossos antepassados?

Certamente que somos sujeitos deste novo tempo, e como tal, produto destas novas formas de comunicação, de interação; programados que estamos para respondermos mais ligeira e facilmente a estímulos que agucem, ao ponto do entorpecimento, todos os nossos sentidos, sentidos que de tão superestimulados passam a perder a capacidade de sentir, de ouvir, de *ver* além do enxergar, de tocar a essência das coisas, do *outro*.

Desta forma, a base de saberes que constituem o nosso *ser*, quando dos primeiros contatos com o universo da linguagem, os saberes atravessados pela simbologia dos mitos, pelo acalanto, pelos mistérios das *vozes* dos nossos ancestrais, vai sendo substituída a cada dia pela frieza das informações ultrafragmentadas, aligeiradas, ao ponto de a escuta real, sensível do outro ficar reservada a momentos de "privação forçada" das ferramentas tecnológicas, quando se tem a sensação de desamparo, de vazio existencial que nos leva a instintivamente voltar para o refúgio das histórias, da conversa, do gesto.

Assim, falar deste contexto nos leva a indagar qual o lugar que ainda está reservado para as narrativas orais nas sociedades atravessadas pela instabilidade e pela fragmentação das subjetividades, característica da "modernidade líquida"; cabe-nos também nos interrogarmos sobre quais indivíduos e grupos sociais ainda tem nelas sua fonte de acesso ao saber, e principalmente de lugar de estabilização de sua identidade, do seu *ser* e do seu *pertencer* no tempo presente.

## 2 DESENVOLVIMENTO

### 2.1 O LUGAR DAS NARRATIVAS NA CONSTITUIÇÃO DAS IDENTIDADES

Poderíamos nos perguntar qual o sentido de quereremos perpetuar o ato de narrar, de contar histórias na contemporaneidade, afinal, não já temos todo o aparato tecnológico capaz de guardar uma inifinitude de dados *escritos*, registrados e, que podem ser acessados, lidos, assistidos a qualquer momento? Não tem estes "bancos de memória" informação suficiente para que conheçamos a História de nossos antepassados? Não deveria ficar a oralidade restrita aos raros povos ainda "sem escrita"? Por que se preocupar com o desaparecimento da figura dos *Griôs*, dos *artesãos da fala*, evocados por Walter Benjamin(1991) e por Jean - Louis Calvet (2011)?

Walter Benjamin, já em 1936, em seu célebre ensaio, *O Narrador*, falava que "a arte de narrar está em vias de extinção", principalmente a narrativa em sua forma original, a forma

oral fundada na "experiencia que passa de pessoa a pessoa", extinção que advém, segundo o autor do esvaziamento da experiencia comunicativa provocado pela guerra, da crise ética que assola todas as nações na era moderna, com a "evolução secular das forcas produtivas" e o conseqüente "esvaziamento da sabedoria", e, principalmente produzido pelos avanços tecnológicos do novo século.(BENJAMIN, 1994, p. 197).

Neste sentido, necessitamos compreender o papel que as narrativas, ou seja, o ato de contar histórias, principalmente em sua vertente oral, representa no panorama historico-cultural atual, panorama este envolto no processo de descentração dos sujeitos, deslocamentos das estruturas sociais, "crise das tradições" que por um longo periodo nos deram as bases definitivas de quem éramos, nos ajudando a compor a cadeia de sentidos que nos estabilizavam enquanto sujeitos, que nos conferia uma identidade pessoal e coletiva pouco conflituosa, estabelecida, *essencial*.

No entanto, de acordo com o autor, este sentido de coletividade que vincula os individuos a uma identidade pré-fixada tem cada vez mais se mostrado fragmentado no interior dos grupos sociais, inclusive aqueles localizados em comunidades consideradas repositórios de culturas tradicionais, processo gerado na emergência de novas relações mediadas pela globalização, pela cultura do consumo, como analisa Hall (2005, p. 75):

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem 'fluir livremente'.

Neste contexto, surge como elemento estabilizador destas identidades justamente o fenômeno que Hall veio chamar de *identificação*, no qual está presente o processo de "narrativização do eu", onde o indivíduo busca estabelecer um processo simbólico de "negociação de nossas 'rotas'", através do qual,

As identidades parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual elas continuariam a manter uma certa correspondencia. Elas tem a ver, entretanto, com a questão da utilização dos recursos da história, da *linguagem* e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas aquilo no qual nos tornamos. (STUART HALL, 2014, p. 109, grifo nosso).

Assim, a problemática levantada por Benjamin (1991) torna-se parcialmente resolvida, no sentido em que, apesar das estruturas que movem a engrenagem do nosso século, vamos percebendo serem ainda tais lugares onde esperamos encontrar, às vezes, de maneira fortuita, as bases que constituem nosso chamado *mito de origem*, ou *mito fundador*; dessa forma, embora tenhamos a consciência de que somos permanentemente recriados pelo processo a que Hobsbawn e Ranger (1997) vieram a chamar de *invenção da tradição*, esta tem a função de nos estabilizar, de nos fazer sujeitos pertencentes a um grupo, a um *lugar* social, a um tempo, mesmo que este pertencimento venha a se estabelecer preponderantemente no campo do discurso.

Desta maneira, embora a constatação feita por Benjamin (1991, p. 201) quanto à impermanência da tradição oral representada pela narrativa, pelo menos no sentido que a constitui enquanto "discurso vivo", ou seja, enquanto arte que se funde à própria experiência do narrador e "incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes", a presenciemos ainda em nossos dias, mesmo que de forma latente, presentimos este impulso que nos conecta, que nos religa a um desejo de voltar ao lugar do mítico, do fantástico, do impulso criador que a arte de (re) contar nossa história provoca.

Portanto, ao reconhecermos que, muito mais que a transmissão de saberes e experiências acumuladas, está envolvido no ato narrativo todo o processo de constituição subjetiva de nossas identidades, passamos a compreender que a memória representa um aporte fundamental para a narrativa através da ação de *rememorar*, que por sua vez foi privilegiadamente pertencente ao campo *da* oralidade, como pontua Benjamim apud Delgado (2003, p. 22-23):

As narrativas, tal qual os lugares da memória, são instrumentos importantes de preservação e transmissão das heranças identitárias e das tradições. Narrativas sob a forma de registros orais ou escritos são caracterizadas pelo movimento peculiar à arte de contar, de traduzir em palavras as reminiscências da memória e a consciência da memória no tempo. São importantes como estilo de transmissão, de geração para geração, das experiências mais simples da vida cotidiana e dos grandes eventos que marcaram da História da humanidade. São suportes das identidades coletivas e do reconhecimento do homem como ser no mundo.

Neste sentido, os caminhos que nos conduziram a falar de narrativas orais, e mais especificamente das narrativas que emergem em um grupo sociocultural específico, o dos vaqueiros do sertão semiárido, partem da relação estrita deste grupo com a oralidade enquanto

fonte privilegiada de onde os mesmos extraem, criam e transmitem saberes, assim como o é nos demais grupos sociais, e étnico-culturais marcados pela exclusão das práticas hegemônicas de saber, que tem a escrita enquanto forma privilegiada de expressão.

## 2.2 NARRATIVAS ORAIS COMO LUGAR DE CONSTITUIÇÕES IDENTITÁRIAS DO VAQUEIRO – APONTAMENTOS

O falar das intersecções entre o oral e o escrito, para nós, está diretamente relacionado com os primeiros contatos com esses dois universos entrecruzados, não excludentes; está diretamente imbricado com a experiência, com a vivência em um ambiente rural, estando o oral no *lugar* do encantamento das lendas e mitos da caipora, do lobisomem, das histórias de Lampião, das aventuras familiares dos avôs e bisavôs, tios vaqueiros, das quadrinhas e cantigas de roda; e o escrito nos "ABCs" de cordel e no "Almanaque Sadol" trazidos toda segunda-feira pelo avô, até a entrada na escola com o universo dos livros didáticos ilustrados, a cartilha colorida, as narrativas de Monteiro Lobato, descobertas na casa da vizinha professora, representado o universo das narrativas um de nossos "lugares no mundo".

Entretanto, entre as lembranças de leitura mais marcantes, a saga de "Riobaldo" e seu bando, trazida por Guimarães Rosa, se torna uma das mais significativas, porque nos desperta imediatamente a atenção para a figura emblemática do *narrador*: alguém que conta uma história, ou várias, das quais participou como personagem central e como testemunha ocular, utilizando-se de uma performance que está para além da linguagem oral, onde os gestos, os lapsos, e retomadas, as reflexões sobre o próprio ato de *contar*, são a síntese, a própria essência de sua narrativa, fato que nos leva imediatamente a associá-lo com a figura do *vaqueiro*, alguém rústico, de palavras simples, mas carregadas de vivências que remetem a uma simbologia, onde somente o sentir-se plenamente à vontade no campo da oralidade, do ato de *contar* uma história, poderia produzir esta *narratividade* impar que o caracteriza.

Assim, ao fazermos esta digressão pelas lembranças de leituras da infância e dos primeiros contatos conscientes com a "arte narrativa", vislumbramos que esta transita, vivendo em uma sociedade dominada pela escrita, o ato de narrar ganha sentidos somente com a presença, da afetividade que vai constituir nossas memórias mais marcantes e profundas, memórias que irão moldar nossa subjetividade, nossa forma de fazer escolhas, de se auto perceber e estar no mundo.

Portanto, a figura do personagem central do romance Grande Sertão: Veredas fez-nos transpor a experiência do contar histórias para o cotidiano mais próximo, onde, geralmente, as

figuras masculinas assumiam esse papel na comunidade, no contexto familiar, comumente feito de silêncios, fazendo-nos compreender que esta era uma ação com um significado mais profundo, é neste sentido que ao transportarmos esta imagem para a figura do vaqueiro vamos encontrá-lo sempre associado a estes entre lugares entre a *voz* e o *silêncio*, onde o silêncio é interrompido quando lhe é *atiçada* a chama, quando se lhe pede: conta de novo compadre aquela história...

### 3 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Para acessar as narrativas, inerentes ao fazer cotidiano do vaqueiro, e que emergem principalmente nas interações provenientes da representação de suas práticas culturais, necessário se faz que optemos por uma abordagem dentro da história oral, assim, fizemos a opção pelo viés da História Oral temática, que permite a realização de uma entrevista que "tem caráter temático e é realizada com um grupo de pessoas, sobre um assunto específico". (FREITAS, 2006, p. 08).

A autora especifica ainda que esse tipo de entrevista:

(...) tem característica de depoimento - não abrange necessariamente a totalidade da existência do informante. Dessa maneira, os depoimentos podem ser mais numerosos, resultando em maiores quantidades de informações, o que permite uma comparação entre eles, apontando divergências, convergências e evidências de uma memória coletiva, por exemplo. (FREITAS, 2006, p. 08).

Assim, para auxiliar nesta etapa de construção dos dados, a utilização da gravação em vídeo se faz imprescindível, possibilitando uma apreensão mais abrangente da realidade investigada, sem os quais nos perguntaríamos, como fez Ferreira et al., (2000, p. 35) “como interpretar o silêncio e o esquecimento? Para nos auxiliar nesse processo, é indispensável a análise da totalidade do documento oral: hesitações, silêncios, lapsos...”, intrínsecos ao ato de narrar.

Os instrumentos e métodos a serem utilizados como aporte para a investigação e para a construção dos dados junto aos vaqueiros do município de Andorinha -BA, neste sentido, serão a observação participante, a partir da observação das interações face a face, proposta por Garfinkel (1996) e a entrevista em profundidade, ambas realizadas em encontros entre a pesquisadora e os sujeitos, individualmente ou no contexto dos grupos focais.

A partir da fase exploratória onde serão identificados os sujeitos, a perspectiva da utilização de grupos focais se oferece como uma possibilidade de reproduzir, de certa maneira, em pequena escala, os contextos de interação que estes sujeitos estabelecem a partir dos encontros que se realizam quando das manifestações de suas práticas culturais cotidianas.

No tocante à análise da conversação a partir das interações face a face, apresentamos, a título de ensaio, amostra para o que poderemos encontrar com a pesquisa em andamento, um pequeno excerto extraído do documentário *Vaqueiros Canudos*, (SANTOS NETO; TELES, 2007) produzido pelo Centro de Estudos Euclides da Cunha, vinculado à Universidade do Estado da Bahia e produzido no ano de 2007, a partir do registro das histórias e do cotidiano dos vaqueiros da região de Canudos-BA.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A *narratividade* que caracteriza o vaqueiro sempre foi reconhecida e “traduzida” ora como poesia, manifesta nas formas do aboio, da toada e do desafio, ora como recurso que o mesmo utiliza para fortalecimentos de uma identidade diante do grupo como “homem valente”, “destemido”, ou por um reconhecimento que lhe é dado em razão da experiência, do saber acumulado a respeito de práticas na vida cotidiana com os desafios do seu meio.

Assim, torna-se significativo interrogarmo-nos se o vaqueiro reflete sobre o ato de narrar; se quando o mesmo conta uma história diante de seus companheiros ou diante do curioso, do pesquisador, o mesmo toma consciência dos recursos que pode empregar para tornar sua descrição da experiência, seu relato dos fatos, mais vivo, ou mais impressionante, e como o faz.

Para ilustrar este aspecto da percepção do sujeito sobre o próprio ato de narrar, de forma consciente ou inconsciente, reproduziremos aqui um trecho de um relato dado pelo vaqueiro Antonino aos colegas e à equipe que produziu o documentário “*Vaqueiros Canudos*”, produzido pela Universidade do Estado da Bahia, através do CEEC – Centro de Estudos Euclides da Cunha, e publicado no ano de 2007:

“...peguei um boi aqui dentro, na fazenda do\*, aqui... esse boi era até de\* qui esse boi voceis cunhece muito bem (fazendo o gesto demonstrativo, apontando onde fica a fazenda)

(...) e este boi correu aí dentro... desse... facherama danada aí... foi... teve dia de ter dizessete vaquêro pá corrê cum esse boi...”

“(...) Aí eu entrei no rasto do boi... lá na frente, achei onde o boi durmiu! O vaquêro quando ele é intindido, ele sabe quando o boi tá perto... ele sabe que o boi tá perto... por que à noite, o boi, ele se deita treis vez!

“..Vira boi véi, que hoje é vazio!” quando oiei num vinha mais vaquêro...”

(...)

No passar da barreira, eu puxei, piêi... depois de piado, eu fui la na casa do vaquirinho que duvidou, qui nós num tinha cavalo pa pegá o boi!

Ele voltou pra trás e...

‘ \_ Antunino, cuma foi qui você pegou aquele boi?!’

Eu digo: ‘Cuma é qui se pega boi?’ como o vaquêro corre cum o boi!” o boi tem qui tê vaquêro e tem qui tê cavalo! Repara se meu cavalo tem um taio de ispóra?!” (42’10–55).

Em uma sucinta análise, percebemos que o personagem central do trecho reproduzido, autor do relato, se utiliza de alguns recursos linguísticos e gestuais para ilustrar e reforçar o “colorido” de sua narrativa, refere-se ao grupo de ouvintes, identificando que o mesmo também era composto pelos vaqueiros, que conviviam com ele no contexto mais próximo: “voceis cunhece muito bem” e, ao mesmo tempo se dirige à câmera para completar com os gestos e expressões faciais o conjunto de sua história.

Como elementos que o narrador utiliza para enriquecer a importância do seu feito, motivado pelo orgulho ferido por um companheiro que duvidara da sua capacidade e destreza de seu cavalo para pegar o boi, utiliza a expressão “facherama danada” aludindo aos “facheiros”, variedade de mandacarus abundantes na caatinga da região de Canudos onde se passa o fato, elemento que pode representar perigo, fatalidade para o vaqueiro e mostra sua habilidade em identificar quando o boi estava por perto ao observar os sinais de onde este havia se deitado “treis vês”.

Um outro aspecto que toca mais profundamente no cerne da narrativa e que nos chama a atenção é a consciência latente do narrador quanto ao uso dos recursos estilísticos do discurso direto e indireto ao reproduzir seus pensamentos enquanto corria atrás do boi e de quando vai confrontar o colega que havia duvidado de sua capacidade.

Neste sentido, temos que as narrativas orais trazidas pelos vaqueiros fazem parte do seu cotidiano, como forma de expressão privilegiada desse grupo social. As mesmas atuam não só como reforçadoras de sua identidade perante o grupo, como também podem sinalizar para uma importante função que é a da persistência de suas práticas culturais na contemporaneidade. Assim, reconhecer o potencial de tais práticas implica em estabelecermos

um lugar para as mesmas no contexto sociocultural atual, e esse lugar precisa ser definido por este sujeito, o que se encontra no centro da presente discussão, o vaqueiro.

Compreendemos que as potencialidades da forte presença da cultura do narrar do vaqueiro, as quais o mesmo tem utilizado como ferramenta de revivescência/persistência da memória, podem talvez sinalizar para o fato de que o vaqueiro, gradativamente deixando de ser reconhecido como o sujeito possuidor de uma identidade social dada, legitimada pelos fazeres do seu ofício, nos atuais contextos trazidos pela contemporaneidade, necessita enunciá-la, buscando assim demarcar, legitimar sua posição nesta nova realidade que tende à sua exclusão.

Podemos situar também a necessidade de encontrarmos vias de identificação a partir da ressignificação de sua *linguagem*, em suas diversas formas de manifestação, problematizando os aspectos sócio-histórico-culturais atuais que envolvem este sujeitos, buscando compreender como o mesmo tem ressignificado suas práticas culturais, diante das transformações nos modos de produção, nas relações de trabalho, da urbanização crescente, do fechamento dos pastos e da incorporação de "elementos da modernidade" nos seus fazeres cotidianos.

Do mesmo modo, torna-se necessário que se revisitem algumas das questões que estão envoltas nessa manifesta generalização do sentimento de "perda da cultura", que tem sido recorrentemente incorporada nos discursos desses sujeitos, gerando questionamentos e "crises identitárias" quanto ao *ser vaqueiro* nos dias atuais, crises que se exteriorizam frequentemente em conflitos expressos por indivíduos representativos das diferentes gerações que ainda mantem laços de pertença, mais ou menos fortes, relacionados a esse universo cultural específico.

Portanto, além de todas esta questão, os atos mais recentes que tem buscado, ao menos no plano legal, atender algumas demandas históricas desse grupo social, como o reconhecimento do ofício de vaqueiro como patrimônio cultural imaterial do estado da Bahia, através do Decreto de nº 13.150 de 09 de agosto de 2011; e a regulamentação extremamente tardia da profissão de vaqueiro, através do sancionamento recente da lei nacional Nº 12.870, de 15 de outubro de 2013, podem trazer aspectos muito interessantes para o conjunto da análise que pretendemos fazer.

Portanto, demais elementos poderiam ser trazidos na presente discussão sobre a riqueza da tradição oral representada aqui pelo vaqueiro, porém, nos atentaremos à reafirmação da importância que as narrativas orais representa para este grupo social e da riqueza de aspectos

que podem entrar para o rol das discussões a respeito do lugar que tais narrativas ocupam na sociedade e no contexto histórico-cultural atual, reconhecendo traços de sua presença nos grupos sociais considerados marginalizados/oprimidos, e ao mesmo tempo considerados como guardioes, verdadeiros repositórios daquilo que consideramos como as reservas da nossa ancestralidade, de nossa historicidade.

Logo, buscando, direcionar o olhar para o sujeito vaqueiro, e para os saberes por ele partilhados, espeamos a partir do presente trabalho alcançar uma compreensão que não seja, mais uma vez, fundada em uma observação e uma descrição rasas, limitantes, estigmatizadas a seu respeito, como comumente tem sido na lógica dos discursos dominantes.

### REFERÊNCIAS

ALBERTI, V., FERNANDES, TM., e FERREIRA, MM. (Orgs.). **História oral: desafios para o século XXI** [online]. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000. 204p. ISBN 85-85676-84-Disponível em: <http://books.scielo.org>. Acesso em 31 de maio de 2016 às 18h:49min.

BENJAMIN, W. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: \_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política**. Obras escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 1994. P 197-221.

CALVET, Louis-Jean. **Tradição oral e tradição escrita**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Vaqueiros e Cantadores**. São Paulo: Global, 2005.

CARVALHO, Antonino Damasceno de. [2007]. Canudos. Entrevista concedida à equipe do documentário Vaqueiros Canudos.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. In: **História Oral**, n. 6, 2003, p 9-25.

Disponível em: <http://revista.historiaoral.org.br>.

Acesso em: 27 mai. 2016

HOBSBAWN, Eric. TERENCE. Ranger. **A Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. Coleção Pensamento crítico; v. 55.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, Pontes, 1999.

PASSOS, Eduardo. KASTRUP Virgínia e DA ESCÓSSIA, Liliana. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SANTOS NETO, Manoel Antonio dos; TELES, Miguel Angelo Almeida. **Vaqueiros Canudos**. Salvador: CEEC/UNEB, 2007. 1 DVD. (60 min.).

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Editora. Vozes, 2014.